

## AS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL HENRY PARA A PSICOLOGIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

**Michel Henry's contributions to Psychology: a literature review**

**Las contribuciones de Michel Henry a la psicología: una revisión de literatura**

Mak Alisson Borges de Moraes  
Ilino Izídio Da Costa  
*Universidade de Brasília - UNB*

### Resumo

Diante das contribuições da fenomenologia de Michel Henry para a Psicologia, o presente artigo teve como proposta investigar o panorama das pesquisas psicológicas sobre Fenomenologia da vida no contexto brasileiro. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica dos artigos nacionais que abordam o pensamento de Michel Henry no domínio da Psicologia. Para a realização da pesquisa realizou-se uma busca de artigos nas seguintes bases de dados: Psycinfo, Pepsic e Scielo. Além disso, selecionaram-se também produções de anais de eventos e dossiê de revista científica. A partir da análise foi possível classificar as produções nas seguintes categorias: "Justificativa teórica", "investigação dos afetos" e "contribuições para a clínica". Desse modo, constatou-se que apesar da incipiência das pesquisas, esse campo de investigação apresenta profícuos desdobramentos, os quais evidenciam ricas contribuições para a Psicologia e a prática em saúde mental.

**Palavras-chave:** Fenomenologia Da Vida; Michel Henry; Revisão Bibliográfica.

### Abstract

In face of contributions of the phenomenology of Michel Henry to Psychology, the present article had as proposal investigate the panorama of the psychological researches on Phenomenology of life in the Brazilian context. For this, a bibliographical review of the articles dealing with the thought of Michel Henry in the field of Psychology was carried out. To accomplishment of the research a search of articles in the following databases was made: Psycinfo, Pepsic and Scielo. In addition, event annals productions and dossier of scientific journal were also selected. From the analysis it was possible to classify the productions in the following categories: "Theoretical justification", "investigation of affections" and "contributions to the clinic". Thus, it was found that despite the incipience of research, this field of investigation presents fruitful developments, which evidence rich contributions to Psychology and the practice in mental health.

**Keywords:** Phenomenology Of Life; Michel Henry; Literature Review.

### Resumen

Ante las aportaciones de la fenomenología de Michel Henry para la psicología, este artículo tuvo como propuesta investigar el panorama de la investigación psicológica en la fenomenología de la vida en el contexto brasileño. Para ello, se realizó una revisión de los artículos nacionales que tratan sobre el pensamiento de Michel Henry en el campo de la psicología. Para realización de la

investigación se há emprendido una búsqueda de artículos en las bases de datos: Psycinfo, Pepsico y Scielo. Además, se seleccionaron también producciones de anales de eventos y dossier de revista científica. A partir del análisis fue posible clasificar las producciones en las siguientes categorías: "justificación teórica", "investigación de los afectos" y "contribuciones a la clínica". De este modo, se constato que a pesar de la insipiência de las investigaciones, este campo de estudio presenta profundos desarrollos, los cuales evidencian ricas contribuciones para la Psicología y la práctica en salud mental.

**Palabras-clave:** Fenomenología De La Vida; Michel Henry; Revisión De La Literatura.

## INTRODUÇÃO

O filósofo e romancista francês Michel Henry (1922-2002), um dos principais pensadores do século XX, delineou uma profunda teoria da subjetividade propondo o que denominou de Fenomenologia da vida. Influenciado pelo movimento fenomenológico, inaugurado pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859- 1938), Henry promoveu uma densa investigação da vida subjetiva, com o intuito de acessá-la no seu modo de aparecer originário, isto é, o campo da afetividade.

O fenomenólogo francês opôs-se de forma veemente à tradição filosófica ocidental, que valorizou demasiadamente os aspectos objetivos, negligenciando o fenômeno mais imediato e fundamental: a vida. Portanto, pode-se dizer que todo o pensamento de Henry constitui um esforço por resgatar a vida subjetiva, a qual havia se perdido submersa nas investigações racionalistas do pensamento ocidental (Antúnez, 2012; Wondracek, 2010).

Tendo em vista essa preocupação primordial do pensamento de Michel Henry, faz-se necessário, em primeiro lugar, realizar uma breve exposição de alguns aspectos biográficos, buscando elucidar a articulação entre a vida e a obra do autor. O propósito deste breve excuro biográfico não é ressaltar meramente os principais acontecimentos da vida de Henry, mas elucidar, conforme destacou Wondracek (2010), sua "biografia do nascimento da vida", quer dizer, a vivacidade de seu pensamento. Conforme o próprio Henry comentou:

A história de um homem, as circunstâncias que o envolvem, é outra coisa que uma espécie de máscara, mais ou menos lisonjeira, que ele mesmo e os outros estão de acordo em colocar sobre o seu rosto – ele que, no fundo, não tem rosto algum. Você observa que eu nasci em um país distante. É o que me disseram. Mas este país não é mais longe do que a Índia e a China? Para mim, eu nasci na vida, da qual ninguém ainda encontrou a fonte em algum continente (Henry, 2007, p. 68).

Michel Henry nasceu em 1922 na cidade de Haïphong, território hoje pertencente ao Vietnã. Ainda recém-nascido ficou órfão do pai, sendo então criado por sua mãe que assumiu todas as responsabilidades familiares, renunciando à sua carreira profissional para cuidar de Henry e seu irmão. Passou a infância na sua cidade natal, mas se mudou posteriormente com a família para a França. Assim, no ano de 1929 a família Henry instalou-se em Anjou e Lille e em seguida transferiram-se para Paris, onde Michel Henry iniciou seus estudos no Liceu Henri IV (Wondracek, 2010).

As qualidades intelectuais de Henry destacaram-se primeiramente no campo da literatura, algo que foi constatado pelo seu professor Jean Guéhenno. Todavia, apesar de seu talento literário, foi a Filosofia que Henry escolheu para dedicar seus esforços e seguir sua carreira acadêmica. Ao longo de sua produção bibliográfica, o filósofo explorou e integrou com maestria tanto seu talento literário quanto sua vocação filosófica (Wondracek, 2010).

Contudo, é possível perceber que há uma unidade entre sua literatura e filosofia. Ao longo de seus escritos, observa-se que o questionamento fundamental de sua filosofia é a questão da subjetividade, explorada tanto nos romances quanto nos seus tratados filosóficos. No domínio da literatura escreveu “O jovem oficial” (*Le jeune officier*, 1947); “O amor de olhos fechados” (*L’Amour les Yeux fermés*, 1976); “O filho do Rei” (*Le Fils du Roi*, 1981); “O cadáver indiscreto” (*Le cadavre indiscret*, 1986) e “A barbárie” (*La barbarie*, 1987). Em seus romances, Henry procurou retratar a vida subjetiva no seu modo de se mostrar imediato, na sua fruição e auto-afecção (afetividade) (Wondracek, 2010).

Por outro lado, o pensamento filosófico de Henry tem início com a publicação de sua monografia do curso de filosofia intitulada “A felicidade de Espinosa” (*Le bonheur de Spinoza*, 1945). A escolha desse tema evidencia de antemão seu interesse pela questão da afetividade, temática que irá tratar de forma mais profunda em seus escritos posteriores. Dentre suas principais obras filosóficas estão: “Filosofia e Fenomenologia do corpo” (*Philosophie et Phenomenologie du Corps*, 1949); “A essência da manifestação” (*L’essence de la manifestation*, 1963); “Genealogia da psicanálise: o começo perdido” (*Généalogie de la psychanalyse: le commencement perdu*, 1985); “Fenomenologia Material” (*Phénoménologie Matérielle*, 2010); “Encarnação: uma filosofia da carne” (*Incarnation: une philosophie de la chair*, 2010) etc.

Michel Henry estudou filosofia com importantes filósofos como Jean Hyppolite, Jean Wahl, Paul Ricouer, Ferdinand Alquié e Henri Gouhier. Além desses, foi fortemente influenciado pelo movimento fenomenológico, inscrevendo seu pensamento no escopo da Fenomenologia francesa. Suas ideias sofreram influência de fenomenólogos como Edmund Husserl, Martin Heidegger e Merleau-Ponty (Wondracek, 2010).

A Fenomenologia constituiu a base epistemológica do pensamento de Henry, visto que essa filosofia foi o ponto de partida através do qual empreendeu sua investigação da vida subjetiva, delineando o que denominou de Fenomenologia da vida. Todavia, é importante ressaltar que apesar de delinear uma Fenomenologia, Michel Henry diverge em alguns pontos cruciais do pensamento fenomenológico clássico, de forma que inaugurou uma espécie de outra Fenomenologia. Além da influência fenomenológica, se inspirou também em outros pensadores como Mestre Eckhart, Maine de Biran (que influenciou expressivamente suas análises sobre o corpo) e Kierkegaard (Antúnez, 2012).

Diante desse contexto biográfico/histórico é possível compreender os principais aspectos das ideias desenvolvidas por Henry. Conforme Wondracek (2010) destaca, o pensamento do filósofo francês apresenta basicamente três movimentos, que estão intimamente conectados, visto que estabelecem uma relação de complementaridade: o primeiro se refere à genealogia do pensamento ocidental, em que empreende uma crítica à tradição filosófica do ocidente.

No segundo, tendo em vista essa crítica, promoveu uma revisão da Fenomenologia clássica, o que o levou ao terceiro momento, que constitui o núcleo de seu pensamento, no qual propõe o desenvolvimento de uma Fenomenologia da vida. A crítica de M. Henry ao pensamento ocidental é fortemente influenciada pelos apontamentos de Husserl a respeito de uma crise da razão na modernidade, discutida em um dos principais escritos do filósofo alemão intitulado “A crise das ciências européias e a Fenomenologia Transcendental – uma introdução à filosofia fenomenológica” (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie – Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, 1936).

Em sua análise, Husserl (1991) assinalou que a crise da ciência moderna tem origem na matematização da natureza promovida por Galileu Galilei (1564-1642). Ao postular que a natureza está escrita em caracteres matemáticos, Galileu instituiu um mundo científico idealizado matematicamente. A ciência, desse modo, se alicerçou em um objetivismo fisicalista que, de acordo com Husserl, resultou na perda do mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Em outras palavras, o objetivismo da ciência moderna a tornou incapaz de acessar as vivências originárias do homem, o que acabou por desembocar em uma crise do conhecimento científico. Conforme ressalta Goto:

O mundo que a ciência expõe é um mundo idealizado matematicamente, um mundo teórico revelado apenas pelo método técnico desenvolvido por ela, que esconde com suas idealidades matemático-geométricas, o mundo da experiência primeira, o mundo da vida cotidiano, o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) (Goto, 2015, p. 105).

Henry parte desse mesmo ponto na sua crítica ao pensamento ocidental, mas busca ir além. Assim, afirmou que a idealização matemática empreendida pela ciência a partir de Galileu desqualificou a natureza sensível do mundo. Consequentemente, a ciência se distanciou da vida tal como ela é experienciada, se afastando da própria condição humana. Todo o campo das sensações, emoções, sentimentos, desejos, foram negligenciados pela ciência. Em outras palavras, o pensamento científico esqueceu-se da vida (Henry, 2009; 2012).

Na sua genealogia do pensamento ocidental, Henry observou que além do projeto de ciência idealizado por Galileu, outro elemento do pensamento moderno que contribuiu para o afastamento da vida foi a filosofia cartesiana. Inicialmente, Descartes fez o movimento oposto ao de Galileu, pois colocou a subjetividade como o fundamento de todo conhecimento possível (*Cogito ergo Sum*).

Ao apontar como ponto de partida de sua filosofia o Eu-penso, o modelo cartesiano promoveu o que Henry denominou de contrarredução. Em um primeiro momento Descartes procurou acessar a fonte primária do conhecimento: a vida subjetiva. Desse modo, se contrapôs ao objetivismo da ciência galilaica, cuja estrutura fundante estava na transcendência (*Ek-stasis*), fazendo então o movimento oposto, uma vez que colocou ênfase na imanência (subjetividade) (Henry, 2009).

Todavia, conforme sublinhou Henry (2009), a partir da segunda meditação Descartes abandonou a primazia da vida subjetiva ao buscar estabelecer os fundamentos do conhecimento objetivo. Assim sendo, acabou por negligenciar o Eu-penso (subjetividade) ao estabelecer o fundamento da objetividade como o correlato de um Eu sem vida. Em outras palavras, a filosofia cartesiana colocou a subjetividade em segundo plano em favor de um conhecimento objetivo distante da vida subjetiva. Portanto, pode-se dizer que o cartesianismo perdeu a vida subjetiva de horizonte (o começo originário), incorrendo por fim em equívoco semelhante ao de Galileu.

Na base desse equívoco do pensamento ocidental está a noção de monismo ontológico, que se estabeleceu como o traço comum da filosofia ocidental, a qual acabou por instituir uma separação/ruptura entre a consciência e o mundo exterior. Michel Henry (2009) denominou tal concepção de monismo, pois o pensamento moderno definiu uma via epistemológica única de conhecimento da subjetividade: a exterioridade transcendental. Logo, é possível dizer que o pensamento ocidental concebeu a interioridade somente em função da exterioridade (*Ek-stasis*), perdendo assim o caráter originário da vida subjetiva.

O cerne epistemológico do pensamento ocidental alicerçou-se na noção de representação. Diante da ruptura entre transcendência e imanência (ou exterioridade x interioridade) estabelecida pelo monismo ontológico, a filosofia moderna concebeu a noção de representação como forma de superar esse abismo. Todavia, a ideia de um

conhecimento representativo colocou a subjetividade em função de uma objetividade (objeto representado), esquivando-se assim da vida subjetiva enquanto tal (Henry, 2009, 2012). Por meio da representação a interioridade somente pode ser conhecida por meio da *Ek-stasis* representativa (exterioridade). Alicerçado nessa ruptura originária (monismo ontológico) e na noção de representação, o pensamento ocidental perdeu a vida (subjetividade), pois acabou reduzindo-a a uma exterioridade transcendental.

Portanto, o eixo da crítica de M. Henry ao pensamento ocidental está na constatação de que esse perdeu a vida subjetiva em detrimento de uma objetividade estéril. Refém do paradigma representativo, a filosofia moderna negligenciou o fundamento originário (o começo, nos termos de Henry) do conhecimento: a subjetividade. Tal equívoco permeia toda a filosofia ocidental passando pela ciência de Galileu, o “Eu- penso” cartesiano, o “eu me represento” de Kant, a “Intencionalidade” de Husserl, chegando até o “Ser-no-mundo” de Heidegger. Em síntese, conforme aponta Wondracek (2010):

Ao invés do conhecimento imediato via afetividade, o conhecimento mediato via instalação de uma distância de “ob-jetividade”. A redução da vida subjetiva a uma consciência reflexa e representativa recebe vários nomes no decorrer da história: transcendência, distância fenomenológica, alienação, diferença. A partir disso, o Ser será pensado sempre na exterioridade transcendental, em um *ek-stasis*, em uma ruptura e separação originária, traço em comum da filosofia clássica e da filosofia moderna da consciência, desde sua origem grega (p.190).

Ao pontuar essa lacuna no pensamento ocidental, Henry buscou através de sua filosofia resgatar o “começo perdido”, desenvolvendo uma filosofia da subjetividade que considera de forma autêntica a vida subjetiva. É nesse sentido que empreendeu sua Fenomenologia da vida, procurando desvelar a subjetividade no seu modo de aparecer originário (a afetividade).

Entretanto, conforme o próprio Henry ressaltou, a Fenomenologia clássica, ao adotar a noção de intencionalidade, continuou refém da exterioridade transcendental do pensamento ocidental. No entender de Henry, tanto a Fenomenologia Husserliana quanto a Heideggeriana não conseguiram realizar uma Fenomenologia radical da vida, se inserindo na tradição representativa da filosofia moderna. De um lado a Fenomenologia de Husserl perdeu de horizonte a vida subjetiva através do conceito de intencionalidade, enquanto por outro, Heidegger a negligenciou por meio da noção de Ser-no-mundo (Henry, 2014).

É nesse ponto que se insere o segundo movimento do pensamento de Michel Henry. Ante as limitações da Fenomenologia clássica apontadas, o fenomenólogo buscou revisá-la com o intuito de desenvolver uma Fenomenologia radical capaz de investigar a vida subjetiva na sua originariedade. A partir dessa revisão da Fenomenologia clássica instituiu-se então o terceiro momento da obra do filósofo, que constitui o núcleo de sua

filosofia, por meio da qual procurou estabelecer sua Fenomenologia da Vida (Henry, 2009, 2014).

Através de seu projeto filosófico, Henry buscou superar as limitações do pensamento moderno. No entendimento do filósofo, somente por meio de uma Fenomenologia radical, quer dizer, uma Fenomenologia da vida, seria possível desenvolver uma autêntica investigação da subjetividade. Portanto, a Fenomenologia henryana tem como objetivo primordial desvelar a essência da vida subjetiva, procurando superar o objetivismo e o viés epistemológico da representação predominante no pensamento ocidental (Antúñez, Ferreira, & Martins, 2014).

A Fenomenologia da vida exige, na acepção do pensador francês, a promoção de uma inversão fenomenológica. Henry compreendeu que a Fenomenologia clássica, através da noção de intencionalidade, ficou refém do objetivismo do pensamento moderno. Todavia, uma Fenomenologia radical somente é possível por meio de uma inversão fenomenológica, visto que é necessário deslocar o eixo de investigação da Fenomenologia, indo da transcendência (intencionalidade) para a imanência (Henry, 2014).

A partir dessa inversão a Fenomenologia da vida se estruturou enquanto uma rigorosa filosofia de investigação da subjetividade. A partir de suas análises e reflexões, Henry chegou à conclusão de que o núcleo da vida subjetiva é a afetividade. A vida se mostra como afeto, pois ela é um constante auto-afetar-se. Em outros termos, a essência da vida (subjetividade; imanência; ipseidade) é a afetividade. Conforme Wondracek (2010) destacou:

Qual é essa substância fenomenológica invisível por meio da qual a vida se dá? Desde *L'Essence*, cuja seção IV lhe foi destinada, até suas últimas obras, Henry expressa que a vida vem a nós como afecção, para usar a palavra mais aproximada. A vida é “tão-só um afecto ou, melhor dizendo, aquilo que torna o afecto possível, isto é toda afecção e desse modo todas as coisas”. Somos afetados pela vida que se doa em nós; o afeto é o modo do nosso Si ser investido em nós; é como experienciamos originalmente a doação da vida em nós (p. 65).

A partir desse breve resumo sobre algumas das ideias de Henry, pode-se perceber que o cerne de seu pensamento é a questão da vida subjetiva. Sua filosofia constitui um esforço para responder: “o que é a vida?” Ao refletir sobre esse questionamento o filósofo passou por diferentes movimentos que se complementam: a crítica ao pensamento ocidental; a revisão da Fenomenologia clássica e o desenvolvimento de sua Fenomenologia da vida.

Considerando esses principais aspectos da obra de M. Henry, é preciso considerar agora quais são suas contribuições para a Psicologia brasileira. De que forma a

Fenomenologia da vida pode contribuir para a ciência psicológica? É possível evidenciar dois sentidos relativos aos aportes da filosofia de M. Henry para a psicologia: o primeiro se relaciona à crítica empreendida pelo filósofo à Psicologia, em que ressalta as falhas epistemológicas dessa ciência. O segundo diz respeito à contribuição mais direta, pois se refere à possibilidade de superação das lacunas evidenciadas no pensamento psicológico através da Fenomenologia da vida (Antúnez et al., 2014; Antúnez, 2015).

Na sua crítica, Henry destacou que enquanto herdeira do pensamento ocidental, a Psicologia também desconsiderou a subjetividade, incorrendo em uma perda da vida. Refém da tradição representacionista, a ciência psicológica incorreu em um objetivismo, conforme já sublinharam Dilthey (1949), Brentano (1973), Husserl (1965) e Stein (2005), que resultou na sua incapacidade em acessar a vida subjetiva. Como consequência, instituiu-se uma Psicologia “sem vida”, que concebeu a psique de modo objetivo, *Ek-stático*, perdendo o elemento humano básico, sua subjetividade (Henry, 2009).

A Fenomenologia de Henry, enquanto uma Fenomenologia radical da vida subjetiva se apresenta como uma possibilidade de superação das lacunas epistemológicas da Psicologia apontadas pelo próprio filósofo. Logo, a principal contribuição da filosofia de Henry para a psicologia é a de possibilitar que essa seja capaz de considerar a subjetividade, estabelecendo assim uma autêntica ciência psicológica que consiga desenvolver uma rigorosa investigação científica da vida subjetiva.

Ressalta-se também que conforme apontaram Antúnez (2015), Safra (2015), Ferreira & Antúnez (2014), os aportes da Fenomenologia da vida de M. Henry para a Psicologia apresentam igualmente contribuições no domínio da clínica psicológica. Assim, a necessidade de um diálogo da Psicologia com a Fenomenologia da vida não é motivada somente por uma necessidade epistemológica, mas também por uma demanda no âmbito da práxis clínica.

Ao destacar a afetividade como o aspecto fundante da subjetividade, a Fenomenologia da vida fornece importantes aportes para a clínica psicológica. Considerando que a clínica tem como centro a pessoa humana, cuja vida subjetiva se constitui enquanto afetividade, a Fenomenologia da vida pode contribuir significativamente para o contexto clínico no sentido de auxiliar a desvelar a complexidade dos fenômenos que envolvem a prática clínica (Antúnez & Martins, 2015; Ferreira & Antúnez, 2014).

Diante dessas profícuas contribuições do pensamento de Michel Henry para a Psicologia, o presente artigo tem como proposta investigar o panorama das pesquisas psicológicas sobre Fenomenologia da vida no contexto brasileiro. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica das produções nacionais que abordam o pensamento de Henry no escopo da Psicologia.



Tal empreendimento justifica-se, em primeiro lugar, devido às relevantes contribuições da Fenomenologia da vida para a Psicologia, conforme destacado. Outro ponto a ser considerado é a escassez de produções a respeito do pensamento de Michel Henry no contexto acadêmico da Psicologia. A partir de consulta prévia às principais bases de dados em Psicologia (*Psycinfo, Pepsic e Scielo*), foi possível observar o reduzido número de pesquisas nacionais sobre Fenomenologia da vida.

## **O PENSAMENTO DE MICHEL HENRY NO BRASIL**

A Fenomenologia da vida de Michel Henry é algo ainda recente no Brasil, principalmente no âmbito da Psicologia. As principais publicações nacionais sobre Henry no campo psicológico começaram a ser realizadas a partir de 2010. Todavia, vale ressaltar que suas contribuições no território nacional não se restringem somente à Psicologia, estendendo-se a campos como a própria Filosofia, a Teologia, a Arte e a Literatura.

O diálogo do pensamento de Michel Henry com a Psicologia brasileira tem sido fomentado principalmente através do recente intercâmbio com Portugal, por meio da professora Dra. Florinda Martins, filósofa e docente da Universidade Católica Portuguesa (UCP). A professora Florinda é discípula direta de Henry, tendo estudado com o filósofo, o que denota seu amplo conhecimento acerca da filosofia henryana (Wondracek, 2010).

Atualmente, Florinda é coordenadora científica do projeto internacional “Michel Henry: o que pode um corpo”, que reúne inúmeros profissionais de diversas localidades para a investigação do pensamento do filósofo. De um modo geral, a proposta do projeto é investigar os aspectos da obra de Henry tendo como ponto de partida a questão que leva o nome do grupo (“o que pode um corpo?”), tema que o autor abordou sistematicamente ao longo de seus escritos (Martins, 2010).

Além da coordenação do grupo, Florinda Martins é responsável também pela tradução e/ou revisão de diversas obras de Michel Henry para a língua portuguesa, o que propiciou o acesso a alguns escritos do filósofo. No Brasil, colaborou com a tradução de “Genealogia da Psicanálise”, publicado em 2009 pela editora da Universidade Federal do Paraná.

Posteriormente, foram surgindo novas traduções tanto de obras filosóficas quanto literárias, publicadas pela editora É Realizações, o que ampliou, mesmo que ainda timidamente, o acesso das obras de Henry no Brasil. Dentre as outras obras traduzidas estão “Encarnação”, “Palavras de Cristo”, “Eu sou a Verdade”, “Filosofia e Fenomenologia do Corpo”, “Ver o Invisível” e “O Jovem Oficial”. Essa breve exposição bibliográfica tem como objetivo evidenciar a importância e relevância que essa ponte Brasil-Portugal representou para a inserção do pensamento de Michel Henry no Brasil. A partir desse intercâmbio, alguns pesquisadores da Psicologia das principais universidades brasileiras

têm se interessado pela Fenomenologia da vida, uma vez que observaram as profícuas contribuições de M. Henry para a Psicologia.

Tal intercâmbio teve como primeiro resultado a publicação da tese de doutoramento da professora Dr. Karin Wondracek intitulada “Ser nascido na Vida: A Fenomenologia da Vida de Michel Henry e a sua contribuição para a clínica”, co-orientada pela professora Florinda Martins. Essa tese teve como objetivo central analisar as contribuições de M. Henry para o campo da clínica psicoterapêutica, abrindo espaço no Brasil para as discussões a respeito da Fenomenologia da vida no âmbito da Psicologia. Conforme destacou Martins (2010):

A recente tese de doutoramento de Karin Wondracek *Ser nascido na vida: A Fenomenologia da vida de Michel Henry e a sua contribuição para a clínica* (que tive o prazer de co-orientar e fazer parte do júri) abre caminho, no Brasil, às investigações sobre a Fenomenologia da vida e suas implicações nas psicoterapias (p.28).

Essa inserção do pensamento de M. Henry no Brasil resultou ainda na criação do grupo de pesquisa “Fenomenologia da Vida”, o qual reúne pesquisadores de diversas áreas como Psicologia, Teologia e Filosofia com o intuito de discutir a obra do filósofo e suas diversas implicações. A partir desse contexto, as ideias de Henry têm se expandido no Brasil, principalmente no âmbito da Psicologia, dadas suas relevantes contribuições para o campo psicológico. Portanto, apesar de recente, o diálogo da Psicologia brasileira com o a Fenomenologia da vida tem se mostrado algo profícuo e promissor, o que coloca a necessidade de aprofundamento dessa interlocução.

## **METODOLOGIA**

Para a realização da revisão bibliográfica proposta, foram eleitos somente os artigos publicados em revistas de Psicologia. Para isso, foi feita uma busca de artigos nas seguintes bases de dados: Psycinfo, Pepsic e Scielo, sendo que as referências duplicadas foram excluídas.

Assim sendo, selecionaram-se artigos dentro do limite temporal de 10 anos, abrangendo o intervalo de 2008 até 2018. Como a pesquisa limitou-se à produção brasileira, foram elencados somente artigos nacionais. Os descritores utilizados foram as palavras “Psicologia” e “Michel Henry” e/ou “Fenomenologia da Vida”. Como critério de exclusão não foram considerados os artigos publicados em revistas de outras áreas e que ultrapassavam o limite temporal proposto. Além dos artigos, também foram analisadas publicações presentes em anais de congresso e um dossiê temático que abordou a interlocução da Fenomenologia da vida de Henry com a Psicologia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa realizada nas bases de dados citadas, foram encontradas quatorze publicações que contemplavam os descritores utilizados. A leitura dos resumos dos artigos possibilitou realizar um recorte, considerando os critérios de inclusão e exclusão destacados para a realização da pesquisa. Assim, apenas um dos resultados encontrados não foi selecionado, pois não contemplava os critérios estabelecidos. A publicação não era propriamente um artigo, mas sim um dossiê do livro publicado em 2011 intitulado “Fenomenologia da vida de Michel Henry: interlocuções entre Filosofia e Psicologia”.

Foi possível ter acesso ao texto integral de todos os artigos. Para a seleção das publicações, foi lido primeiramente o resumo dos textos. Feito o recorte, procedeu-se à leitura e análise das produções. Dessa forma, selecionaram-se treze publicações que foram analisadas sob uma perspectiva indutiva e comparativa, visto que objetivou-se constituir categorias temáticas e também promover um diálogo entre os textos encontrados.

Dos textos elegidos, doze foram escritos em língua portuguesa e um em língua inglesa. O texto em inglês foi publicado por Andrés Antúnez e Florinda Martins no periódico nacional “Estudos de Psicologia” e tem o título “*Sense of Self and Alucination*”. No artigo, os autores buscaram investigar a possibilidade de compreender o humano através da fenomenalidade de suas necessidades terapêuticas, utilizando para isso a fenomenologia da vida de M. Henry (Antúnez & Martins, 2016). Esse texto é uma das publicações mais recentes sobre o assunto, visto que foi publicado no início de 2016. É preciso destacar a importância desse trabalho, pois possibilita a divulgação e diálogo das pesquisas nacionais sobre M. Henry com a comunidade internacional, promovendo assim uma interlocução com os demais pesquisadores do assunto.

Além das publicações encontradas nas bases de dados pesquisadas, também foi considerada para a revisão bibliográfica as produções presentes nos Anais do I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia, realizado pelo Instituto de Psicologia da USP em 2014. A inclusão dessa publicação se justifica pelo evento ter contado com a participação dos principais pesquisadores da obra de Henry no âmbito da Psicologia brasileira. Ademais, o congresso também contou com a colaboração de pesquisadores internacionais, dentre eles a portuguesa Florinda Martins.

Utilizando os mesmos descritores, foram encontradas cinco produções que abordavam a Fenomenologia da vida. Dessas, selecionaram-se quatro considerando os critérios de inclusão. Uma das publicações foi excluída, pois se tratava de uma referência duplicada. Dos quatro trabalhos completos analisados, dois foram resultados de conferências ministradas no evento, um fruto de mesa-redonda e outro de comunicação-oral.

Outra publicação analisada foi o dossiê sobre Michel Henry publicado em 2015 no volume 15 (n. 1) da revista *Diaphora*, da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. A sessão “dossiê” da revista contou com a publicação de seis artigos, os quais, de maneira geral, buscavam abordar as contribuições de Michel Henry para a Psicologia. As publicações abordaram temas diversos como Acompanhamento Terapêutico, corporeidade, diálogos com a Psicanálise e literatura.

A partir da análise dos textos selecionados, procurou-se investigar o conteúdo das produções em Psicologia sobre o pensamento de Michel Henry, traçando assim um panorama das publicações nacionais a respeito dessa temática. Além disso, buscou-se apontar lacunas na literatura com o intuito de evidenciar possíveis direcionamentos de pesquisas a respeito do tema.

Um primeiro ponto que deve ser ressaltado com a análise dos artigos e trabalhos é a recenticidade das publicações. O primeiro artigo data de 2008, sendo que os demais se concentram entre os anos de 2012 a 2017. Observa-se que há um significativo aumento das produções a partir do ano de 2014, visto que dos treze artigos analisados, nove foram publicados entre 2014 e 2017. Isso evidencia que, conforme discutido anteriormente, o diálogo do pensamento de Michel Henry com a Psicologia no Brasil é recente, mas tem crescido nos últimos anos, o que aponta para a possibilidade de futuros desdobramentos de pesquisas.

Além disso, ressalta-se que nesse mesmo intervalo (2014-2017) foi publicado o dossiê sobre Michel Henry na “*Revista Diaphora*” (2015) e realizou-se o “I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade”. Apesar do evento não ter como temática específica a Fenomenologia da Vida, o pensamento de Henry foi amplamente discutido através de diversos pesquisadores que realizaram conferências, mesas-redondas e comunicações orais. Portanto, percebe-se nesses últimos anos que houve um crescimento considerável na Psicologia brasileira das pesquisas sobre Fenomenologia da vida.

As publicações estão distribuídas nos seguintes periódicos: *Estudos de Psicologia* (Campinas); *Psicologia USP* (São Paulo); *Psicologia em Estudo* (Maringá), *Estudos em Pesquisa em Psicologia* (Rio de Janeiro) e *Revista da Abordagem Gestáltica* (Curitiba); *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul – Diaphora*. As pesquisas nacionais a respeito do pensamento de Michel Henry no âmbito da Psicologia tem se concentrado predominantemente na USP, sendo que o periódico *Psicologia USP* reúne a maioria das publicações a respeito do assunto.

Dos artigos encontrados, cinco foram publicados no periódico *Psicologia USP*. Além disso, a maioria dos autores são pesquisadores da Universidade de São Paulo. Mesmo nas publicações de periódicos de outras universidades, algumas das pesquisas foram realizadas por professores da USP. Desse modo, pesquisadores como Giberto Safrá

(USP), Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP), Maristela Vendramel (USP), assim como Florinda Martins, têm desenvolvido as principais produções sobre o diálogo da Fenomenologia da vida de Henry com a Psicologia.

Conforme comentado, o intercâmbio com a filósofa portuguesa foi fundamental para a inserção do pensamento de Michel Henry no Brasil e para o diálogo com a Psicologia, o que contribuiu para o desenvolvimento das recentes pesquisas nacionais realizadas. Portanto, as investigações empreendidas na USP podem ser consideradas como a porta de entrada da Fenomenologia da vida no âmbito da Psicologia no Brasil, o que indica a necessidade e a possibilidade de desdobramentos em outros contextos acadêmicos.

Após leitura e análise dos textos encontrados, foi possível classificá-los em três categorias: a primeira pode ser denominada de “justificativa teórica”, a segunda de “investigação dos afetos” e a terceira de “contribuições para a clínica”, que pode ser entendida como o elo entre as duas primeiras categorias. É possível dizer que o fio condutor que perpassa todos os textos é a investigação das contribuições da Fenomenologia da vida de Michel Henry para a Psicologia Clínica. Essa temática comum fica evidente nos títulos da maioria dos artigos, como: “A contribuição de Michel Henry para a prática clínica na atualidade” e “Histórico das relações entre filosofia e medicina no curso de Michel Henry em Portugal e as relações com a psicologia clínica”.

Ao buscar destacar a relevância do pensamento de Henry para a Psicologia, os autores seguem essas duas direções distintas e complementares: ora a “Justificativa teórica” dessas contribuições, ora a investigação propriamente dita dos afetos no contexto clínico. Constata-se que esses dois tipos de produções têm caminhado concomitantemente, visto que as publicações variam entre essas duas direções

Os artigos de “Justificativa teórica” abordam, desse modo, os aspectos epistemológicos das contribuições de Michel Henry para a Psicologia. Sob a ótica da Fenomenologia da vida, os autores destacam algumas críticas à Psicologia tradicional, ressaltando a necessidade e pertinência de um diálogo do pensamento de Henry com a Psicologia. O aspecto principal desenvolvido nesse ponto são as limitações epistemológicas e metodológicas da Psicologia, a qual, em uma perspectiva fenomenológica, não foi capaz de abarcar de forma genuína a subjetividade (Martins & Pereira, 2010; Safra, 2015).

Ao perder a vida (na linguagem de Henry), a Psicologia, assim como todo o pensamento ocidental, esquivou-se da interioridade, atendo-se a uma exterioridade “sem vida”. Em face disso, a Psicologia acabou negligenciando o seu objeto de investigação (subjetividade), incorrendo em um objetivismo cientificista que nada tem a dizer da vida subjetiva (Henry, 2009, 2014).

Os autores apontam a fenomenologia da vida de Henry como uma possibilidade de superação dessas limitações. Ao colocar a afetividade como a estrutura essencial da vida subjetiva, a fenomenologia da vida pode contribuir significativamente para uma investigação autenticamente rigorosa da subjetividade, fundamentando desse modo, a ciência psicológica. Nessa perspectiva, têm-se por exemplo as seguintes produções: “Histórico das relações entre filosofia e medicina no curso de Michel Henry em Portugal e as relações com a psicologia clínica”; “A contribuição de Michel Henry para a prática clínica na atualidade”; “Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida”.

Concomitante a essas investigações de “Justificativa teórica”, os pesquisadores têm desenvolvido também outras análises, voltadas para as investigações dos afetos que permeiam a prática clínica. Assim, se de um lado justifica-se teoricamente as contribuições da fenomenologia da vida para a Psicologia, por outro, parte-se para a investigação propriamente dita dos afetos. Nesse ponto, os principais aspectos investigados foram fenômenos como a dor e o sofrimento, afetos fundamentais para o contexto clínico.

A questão da corporeidade, outro tema constantemente abordado nos textos, constitui um elemento crucial para a compreensão da afetividade, visto que para Henry os afetos se manifestam na carne, isto é, no corpo vivo. Logo, somente é possível falar dos afetos tendo em vista a carnalidade. Henry faz uma distinção conceitual entre corpo e carne. Enquanto o primeiro designa a visão orgânica e cientificista do corpo, o segundo (carne) indica uma corporeidade tomada enquanto algo vivo, onde o afeto ocorre. Outras questões afetivas investigadas nos textos se referem, por exemplo, à dimensão da intersubjetividade e aos fenômenos como a alucinação e a imaginação (Henry, 2014).

É necessário evidenciar que esse ponto da análise dos afetos é crucial para delinear as contribuições da fenomenologia da vida para a Psicologia. Depois de realizada a Justificativa teórica, o diálogo entre o pensamento de Michel Henry e a Psicologia acontece por meio da análise dos afetos. Considerando que vida é afetividade (conforme Henry destacou) e que uma autêntica Psicologia deve lidar com a vida subjetiva, abriu-se assim um vasto campo de diálogo entre a fenomenologia da vida e a Psicologia.

Desse modo, a fenomenologia da vida possibilita uma investigação rigorosa dos afetos suscitados no contexto clínico, algo capital para uma fundamentação da clínica psicológica. Diante da crítica fenomenológica à Psicologia, tecida por Henry e outros fenomenólogos, é necessário estabelecer uma práxis psicológica que esteja alicerçada sobre uma base segura, a qual pode ser fornecida pela investigação dos afetos promovida pela fenomenologia da vida de Henry.

Nessa categoria têm-se as seguintes produções: “Michel Henry e os problemas da encarnação: o corpo doente”; “Henry: afetividade e alucinação”; “Corporeidade em Michel Henry: o trabalho clínico”; “O corpo em Michel Henry: da afecção para a

corporeização”; “Afetividade e inconsciente: um diálogo entre Freud e Michel Henry, dentre outras”.

A terceira categoria identificada, denominada de “contribuições para a prática clínica” pode ser entendida como o ponto de conexão entre as demais, pois tanto as análises teóricas quanto os trabalhos voltados para as investigações dos afetos buscam sustentar e evidenciar as ricas contribuições para a prática clínica. Entendendo a clínica enquanto um contexto permeado pela vida subjetiva (afetividade), a fenomenologia da vida se torna um importante recurso para compreender os fenômenos afetivos que envolvem a práxis psicológica clínica (Antúñez, 2012; Safra, 2015; Wondracek, 2010).

A preocupação com a temática clínica evidenciada nas publicações se mostra extremamente pertinente e relevante para as pesquisas sobre Fenomenologia da vida no âmbito da psicologia brasileira, pois mostra de forma bem fundamentada de que maneira as ideias de Henry podem contribuir para práxis psicológica. É possível dizer que a Fenomenologia da vida e a prática clínica se constituem enquanto dois domínios complementares e que se retroalimentam. De um lado a fenomenologia da vida se torna a estruturação teórica capaz de investigar de modo adequado a subjetividade psicológica enquanto de outro a práxis clínica fornece uma ampla gama de fenômenos (da vida) a serem analisados/investigados.

Tendo em vista esse ponto de intersecção com a prática clínica, têm surgido algumas pesquisas voltadas para temáticas clínicas específicas. Das produções analisadas, dois temas se destacaram: o acompanhamento terapêutico e o autismo. A partir da constatação da profícua interlocução entre a Fenomenologia da vida e a práxis psicológica, os pesquisadores estão começando a explorar alguns campos clínicos a partir da ótica de Michel Henry. Destaca-se que considerando a recenticidade das pesquisas, pode-se abrir ainda uma ampla gama de investigações clínicas a partir da Fenomenologia da vida.

Conforme colocado, direta ou indiretamente as produções analisadas apresentam a questão das contribuições para a prática clínica como um ponto de diálogo. Todavia, pode-se citar alguns trabalhos que abordam essa temática diretamente: “Fenomenologia em Michel Henry: implicações na psicopatologia e psicoterapia”; “Intersubjetividade em Michel Henry: relação terapêutica”; “O que pode o corpo de uma criança autista?; “O acompanhamento terapêutico e a semiologia da violência do imprevisível na obra de Michel Henry: articulação entre humanologia e humanoterapia”.

Em resumo, pode-se conjecturar a partir das produções analisadas que o diálogo da Fenomenologia da vida com a prática clínica vislumbra uma profícua interlocução com o campo da saúde mental. Ao fornecer uma adequada compreensão da vida subjetiva o pensamento de Henry pode, dessa maneira, contribuir para uma rigorosa fundamentação da práxis psicológica no âmbito da saúde mental. Sabe-se que o processo de constituição

de uma Psicologia científica, assim como a construção das práticas psicológicas não ocorreu de modo homogêneo e coeso, pois apresentou diversas problemáticas e impasses.

Conforme apontou Zurba (2011), a história da saúde mental, da mesma forma que o processo de sua inserção na esfera das políticas públicas, necessita de uma revisão epistemológica, uma vez que se alicerçaram em uma concepção naturalista-objetivista de homem advogada pela Psicologia científica. É nesse sentido que as práticas psicológicas acabaram por adotar modelos reducionistas, negligenciando os aspectos subjetivos do processo saúde-doença.

A ênfase na técnica, a medicalização da existência, a lógica manicomial, são exemplos de práxis redutivas que restringem a vida subjetiva a um mero conjunto de aspectos objetivos. Por isso, diante da necessidade de uma reformulação epistemológica e conseqüentemente de uma compreensão adequada da subjetividade humana, a Fenomenologia da vida de Michel Henry pode contribuir significativamente para a prática clínica em saúde mental ao discutir não somente temas específicos, mas ao possibilitar um entendimento mais amplo das especificidades da vida subjetiva, evitando assim equívocos teóricos e práticos. Portanto, é possível concluir que as três categorias identificadas não são classificações estanques e rígidas. Tal divisão buscou evidenciar de forma didática o panorama das pesquisas em Psicologia a respeito da Fenomenologia da vida. Nesse sentido, pode-se dizer que as três categorias constituem uma unidade, onde a justificação teórica, a investigação dos afetos e as contribuições para a prática clínica formam um conjunto de pesquisas que se conectam e complementam, abrindo caminho para um vasto campo de estudo: as relações entre Fenomenologia da vida e a Psicologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos resultados destacados e de sua análise, ressalta-se em primeiro lugar um aspecto quantitativo: o reduzido número de publicações a respeito da relação do pensamento de Michel Henry com a Psicologia. Conforme colocado, a pouca quantidade de produções deve-se à recente inserção da filosofia de Henry no contexto nacional, embora as obras do autor datem de meados do século XX. Logo, a fenomenologia da vida é ainda pouco conhecida no meio acadêmico brasileiro, principalmente no âmbito da Psicologia.

Cabe aqui ressaltar o indiscutível papel da filósofa portuguesa Florinda Martins em divulgar e propagar academicamente o pensamento de Michel Henry no Brasil. A interlocução da Psicologia com a fenomenologia da vida no Brasil começou a se estruturar a partir diálogo com Portugal, sendo que as pesquisas nacionais começaram a se desenvolver a partir de 2010. Essa recenticidade evidencia dois aspectos: de um lado destaca-se o caráter inicial das pesquisas sobre fenomenologia da vida e de outro os diversos desdobramentos que esse campo de pesquisa ainda pode desenvolver.



Apesar da quantidade de pesquisas ainda ser reduzida, tal deficiência quantitativa parece ser superada pelo aspecto qualitativo dos estudos, visto a diversidade, amplitude e riqueza das temáticas abordadas. Por meio da análise das produções encontradas estabeleceram-se três categoriais principais que constituem o panorama de pesquisa atual: justificação teórica, investigação dos afetos e contribuições para a prática clínica.

Conforme apontado, essas categorias compõem uma unidade de pesquisa visando evidenciar o rico diálogo entre a Fenomenologia da vida e a Psicologia. Para isso, se torna necessário abordar tanto os aspectos teóricos quanto as análises dos afetos, tendo sempre em vista as contribuições para a práxis psicológica, categoria que atua como uma espécie de fator sintetizador das demais.

É possível concluir, portanto, que o diálogo da Psicologia com o pensamento de Michel Henry inaugurou um profícuo campo de pesquisa no domínio psicológico, o qual apresenta ricas contribuições para o contexto clínico, em especial a possibilidade de seu diálogo com o campo da saúde mental. Este artigo buscou investigar o panorama dessas pesquisas ressaltando lacunas e possíveis desdobramentos. Em resumo, constatou-se que, apesar da incipiência das pesquisas, esse campo de investigação apresenta profícuos desenvolvimentos, os quais podem ainda resultar em ricas contribuições para a Psicologia.

## REFERÊNCIAS

- Antúnez, A. E. A. (2015). Histórico das relações entre filosofia e medicina no curso de Michel Henry em Portugal e as relações com a psicologia clínica. *Psicologia USP*, 26(2), 318-322.
- Antúnez, A. E. A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia*. Tese de livre docência. São Paulo, Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-02072013.../antunez\\_id.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-02072013.../antunez_id.pdf)
- Antúnez, A. E. A., & Martins, F. (2016). Michel Henry: sense of self and hallucination. *Estudos em Psicologia*, 33(3), 425-430.
- Antúnez, A. E. A., & Martins, F. (2015). Michel Henry: Afetividade e alucinação. *Revista da abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*, 21(2), 177-183.
- Antúnez, A. E., Ferreira, M. V., Martins, F., & (Orgs.). (2014). *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta.
- Brentano, F. (1973). *Psychology From An Empirical Standpoint*. London: Routledge.
- Dilthey, W. (1949). *Introducción a Las Ciencias Del Espiritu*. (E. Imaz, Trad.). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

- Ferreira, M. V., & Antúnez, A. E. A (2014). Fenomenologia de Michel Henry e a clínica psicológica: sofrimento depressivo e modalização. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 309-319.
- Goto, T. A. (2015). *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. São Paulo: Paulus.
- Henry, M. (2014). *Encarnação: uma filosofia da Carne* (C. Nougué, Trad.). São Paulo: É Realizações Editora.
- Henry, M. (2012). *A barbárie* (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: É Realizações Editora.
- Henry, M. (2009). *Genealogia da psicanálise: o começo perdido* (R. V. Marques, Trad.). Curitiba: Editora UFPR.
- Henry, M. (2007). *Entretiens*. Paris: Sulliver.
- Husserl, E. (1991). *La Crisis de las Ciencias Europeas y La Fenomenología Transcendental*. (J. Muñoz, & S. Mas, Trads.). Barcelona: Editorial Crítica.
- Husserl, E. (1965). *Filosofia como ciência de rigor*. (A. Beau, Trad.). Coimbra: Atlântida.
- Martins, F. (2010). O que pode um corpo? Apresentação do projeto. In F. Martins, & A. Pereira (Orgs.), *Michel Henry: o que pode um corpo?* (pp. 11-38). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Martins, F., & Pereira, A. (Orgs.). (2010). *Michel Henry: o que pode um corpo?* Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Safra, G. (2015). A contribuição de Michel Henry para a prática clínica na atualidade. *Psicologia USP*, 19(2), 309-319.
- Stein, E. (2005). Causalidad Psíquica. In E. Stein (Org.), *Obras Completas: Escritos Filosóficos- Etapa Fenomenológica* (C. R. Garrido, & J. L. Bono, Trads., Vol. II, pp. 217-342). Burgos: Editorial Monte Carmelo.
- Wondracek, K. H. K. (2010). *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. Tese de doutorado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia. Disponível em: [tese.est.edu.br/tede/tde\\_busca/processaArquivo.php?codarquivo=245](http://tese.est.edu.br/tede/tde_busca/processaArquivo.php?codarquivo=245).
- Zurba, M. C. (2011). A história do ingresso das práticas psicológicas na saúde pública brasileira e algumas conseqüências epistemológicas. *Memorandum*, 20, 105-122.

#### **Nota sobre os autores:**

**Mak Alisson Borges de Moraes** – Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT da ANPEPP Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos. Universidade de Brasília - UNB. E-mail: [makalisson@hotmail.com](mailto:makalisson@hotmail.com).

**Ileno Izídio da Costa** - Doutor em Psicologia. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da UnB. Pós-Doutorados (USP, UFRN). Coordenador dos Grupos de Intervenção Precoce nas Psicoses (GIPSI), PERSONNA (Violência, Criminalidade, Perversão e "Psicopatia" e do Centro Regional de Referência para o Enfrentamento às

Drogas da UnB/Campus Darcy Ribeiro/Senad/MJ. Universidade de Brasília - UNB. E-mail: ilenoc@gmail.com.

**Recebido:** 24/02/2019.  
**Aprovado:** 17/07/2019.